

Desidério Murcho

desiderio@ifac.ufop.br

Universidade Federal de Ouro Preto

Curso de pós-graduação lato sensu em filosofia

Introdução à metaética

15 de Janeiro



Alguns problemas da metaética

- A metaética estuda problemas relacionados com a própria natureza do juízos éticos
 - Será a ética relativa à cultura?
 - Serão os juízos éticos objetivos?
 - Haverá fatos éticos?
 - Será sempre egoísta a única justificação última da ação?

Relativismos

- Relativismo cultural
 - A ética é relativa à cultura ou aos costumes das diferentes sociedades
- Relativismo histórico
 - A ética é relativa ao tempo histórico
- Relativismo pessoal
 - A ética é relativa às convicções de cada pessoa
- Relativismo divino
 - A ética é relativa à vontade dos deuses



Um argumento relativista

Ruth Benedict (1887-1948)



- Antropóloga norte-americana
- Professora na Universidade de Columbia, EUA
- Teve grande influência na antropologia cultural

Livros

- *Tales of the Cochiti Indians* (1931)
- *Zuñi Mythology* (1935), 2 vols.
- *Patterns of Culture* (1934)
- *Race: Science and Politics* (1940)
- *The Chrysanthemum and the Sword* (1946)

“Anthropology and the Abnormal”

“A cultura define a normalidade. Um adulto, formado de acordo com as motivações e padrões destas culturas [Kwakiutl], se fosse transportado para a nossa civilização seria classificado nas nossas categorias de anormal. Na sua própria cultura, é um pilar da sociedade, o resultado final de costumes socialmente inculcados.”



“Anthropology and the Abnormal”

“Nenhuma civilização pode utilizar nos seus costumes toda a amplitude potencial do comportamento humano. Tal como há um grande número de articulações fonéticas possíveis, dependendo a possibilidade da linguagem de uma selecção e padronização de apenas algumas delas, também a possibilidade do comportamento organizado de todos os tipos, das modas que regulam as vestes e as casas às éticas e religiões de um povo, depende de uma selecção análoga entre os traços de comportamento possíveis. No que respeita às obrigações económicas ou tabus sexuais esta selecção é um processo tão não racional e subconsciente como no caso da fonética. É um processo que ocorre no grupo ao longo de grandes períodos de tempo e que é historicamente condicionado por acidentes de isolamento ou contacto com povos.”



“Anthropology and the Abnormal”

“A maior parte das organizações da personalidade que nos parecem anormais foram usadas pelas civilizações nas fundações da sua vida institucional. Conversamente, os traços mais valorizados dos nossos indivíduos normais foram encarados como aberrantes em culturas com diferentes organizações. A normalidade, em suma, num âmbito muito lato, é definida culturalmente.”



“Anthropology and the Abnormal”

“É um aspecto para o qual já se chamou a atenção mais vezes relativamente à ética. Já não cometemos o erro de derivar a moralidade do nosso tempo e espaço directamente da inevitável constituição da natureza humana. Não a elevamos à dignidade de um primeiro princípio. Reconhecemos que a moralidade difere em todas as sociedades, sendo um termo conveniente para hábitos socialmente aprovados. A humanidade sempre preferiu dizer «É moralmente bom» a «É habitual» e esta preferência é tema suficiente para uma ciência crítica da ética. Mas historicamente as duas expressões são sinónimas.”



“Anthropology and the Abnormal”

“O conceito de normal é uma variante do conceito do bem. É o que a sociedade aprovou. Uma acção normal é a que se enquadra perfeitamente no que são os limites do comportamento desejável numa dada sociedade.”

Excerto de «Anthropology and the Abnormal»,
in *Journal of General Psychology*, 10 (1934)
Tradução de Desidério Murcho



Argumento relativista

Em diferentes sociedades, há diferentes valores.

Logo, os valores são relativos às sociedades.

Em algumas sociedades, considera-se que é correto matar mulheres à pedrada.

Logo, é correto matar mulheres à pedrada.



Objecções

Em diferentes sociedades, há diferentes regimes políticos.

Logo, os regimes políticos são relativos às sociedades

Em diferentes sociedades, há diferentes concepções do universo.

Logo, o universo é relativo às concepções que as sociedades têm dele.



Falácia factualista

Diferentes sociedades têm diferentes concepções de algo.

Logo, esse algo é relativo às sociedades.

- Fatos doxásticos simples não permitem retirar conclusões filosóficas substanciais
- Esses fatos dizem apenas respeito ao que as pessoas pensam que é verdade
- Mas do fato de as pessoas pensarem que algo é verdade não se segue que é verdade, porque as pessoas não são oniscientes nem perfeitas



Dilema de Êutífron

- O que é correto é-o porque os deuses o preferem, ou os deuses preferem-no por ser correto?
- Ajudar o próximo é correto porque os deuses gostam que o façamos, ou os deuses gostam que o façamos por ser correto?
- Mentir é incorreto porque os deuses o desaprovam, ou os deuses desaprovam-no por ser incorreto?



Alternativa inaceitável

- O que é correto é-o porque os deuses o preferem
 - Neste caso, o correto é arbitrário
 - O correto é relativo ao que os deuses preferem
 - Se os deuses preferissem a mentira ou a violação de crianças, fazê-lo seria correto

Alternativa mais plausível

- Os deuses preferem o que é correto porque é correto
 - O correto não é relativo às preferências dos deuses
 - O fato de os deuses preferirem ou rejeitarem algo não explica o que há de bom ou de mau nisso

Falácia factualista

- Parte-se de fatos sobre as preferências ou condenações dos deuses para chegar ao preferível ou condenável
- O raciocínio é falacioso porque há um hiato conceptual entre as premissas e a conclusão

A atração do factualismo

- Parece mais científico porque se baseia em fatos
- As preferências dos deuses ou das sociedades ou das pessoas são fatos fáceis de estabelecer
 - Basta perguntar às pessoas ou ler os escritos sagrados
- Retirar conclusões normativas de fatos poupa o trabalho filosófico de justificar cuidadosamente os juízos éticos

A guilhotina de Hume

- David Hume (1711-1776) pensava que nenhuma conclusão normativa se poderia retirar de premissas descritivas
- Chama-se **falácia ser/dever** a essa pretensa falácia

Descritivo e normativo

- Numa afirmação descritiva procuramos adequar o que pensamos ao mundo
 - A direção da adequação é do mundo para o que pensamos
- Numa afirmação normativa procuramos adequar o mundo ao que pensamos
 - A direção da adequação é do que pensamos para o mundo



Exemplos

- Há muita injustiça no mundo
 - Afirmação descritiva
 - Procura-se adequar a afirmação ao mundo
- Não devia haver injustiça no mundo
 - Afirmação normativa
 - Procura-se adequar o mundo ao que pensamos



O erro da guilhotina

- As afirmações descritivas têm elementos normativos porque a verdade é uma norma
 - “Sócrates era grego” e “Deve-se acreditar que Sócrates era grego” são equivalentes em muitos contextos de elocução
- As afirmações normativas têm elementos descritivos
 - “O João devia cumprir a promessa que fez ao avô” é uma afirmação mal sucedida se o João nunca fez qualquer promessa ao avô



Conclusão da análise

- Fatos e normas têm relações subtis
- A falácia ser/dever ocorre não por haver sempre um hiato entre fatos e valores, mas porque há um hiato entre um certo tipo de fatos e um certo tipo de valores
 - Há um hiato entre fatos simplistas sobre as convicções morais das pessoas e conclusões filosóficas substanciais sobre a moral



Objetividade sem fatos?

- A objetividade não resulta automaticamente de um imaginado espelhamento de fatos
- A objetividade é o resultado de processos de justificação epistemicamente probos
- O que dá objetividade a um juízo ético é a sua justificação

Ética e justificação

- Se um juízo ético se justifica cuidadosamente, sem falácias, satisfazendo qualquer ser racional imparcial, então esse juízo ético é tão provavelmente verdadeiro, objetivamente falando, quanto nos é possível determinar
- Isto coloca a argumentação e o raciocínio no centro da ética, e não os fatos doxásticos ou antropológicos ou outros

